

O apoio dos empresários

por José Casado
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

nomear pessoas para o meu ministério pelo critério da competência", disse.

Estava de frente para representantes de grupos como Volkswagen, Ford, Alcoa, Bunge y Born, Siemens, Shell, Unilever, Nestlé, Daimler-Benz, Dow, Philips, Pirelli, Solvay, Cargill, Alcan, Ciba Geigy,

Asea-Brown Boveri, British American Tobacco, Citicorp, Varig, Alpargatas, Arteb, Gradiente, Cofap, Pão de Açúcar, Votorantim, Gerdau, entre outros.

A alguns, no final, informou que vai concentrar esforços, nas próximas semanas, sobre o eleitorado paulista (21% do total). Provavelmente, começará com um comício em Ribeirão Preto, no final deste mês.

O apoio dos empresários

por José Casado
de São Paulo

É uma espécie de "club" bilionário, exclusivo dos dirigentes de 43 dos maiores conglomerados empresariais privados do País, onde predominam as "holdings" de capital estrangeiro.

Existe há seis anos, não possui nenhum caráter formal — nome, diretoria, atas, etc. — e realiza somente um encontro mensal, um almoço, pago por um dos "sócios" a cada vez, e sempre no mesmo lugar, a sala número 4 do prédio reservado a eventos no Centro Empresarial de São Paulo, na zona Sul da cidade. Ontem, esses homens de negócios pararam por duas horas e meia para ouvir Fernando Collor de Mello, 39 anos, candidato do PRN à sucessão do presidente José Sarney.

Foi a primeira vez que nenhuma cadeira ficou va-

zia na platéia. Após o almoço, com a habitual descrição, deixaram claro que se impressionaram mais com a habilidade política do candidato do que com suas propostas. "Não parece dispor de um programa administrativo sólido, bem preparado", resumiu um deles.

Mas acabaram com uma análise consensual de que Collor se tornou uma opção concreta — "talvez a única", segundo uns — de candidatura com um perfil de centro-direita, detentora de chances reais no embate eleitoral cujo primeiro "round" está marcado para o dia 15 de novembro. A maioria acenou-lhe com apoio logístico, se necessário.

"Não fui lá pedir apoio, mas apenas ouvi-los, como estou ouvindo diferentes segmentos da sociedade", comentou o candidato, horas depois. Na reunião, fechada, submeteram-no a



Fernando Collor de Mello

uma bateria de questões, especialmente sobre como pretende promover a retomada do desenvolvimento econômico e, simultaneamente, combater a inflação, com um Estado amarrado à administração, cada vez mais complexa, das dívidas interna e externa.

Collor, assessorado pela

economista Zélia Cardoso de Mello, apresentou as linhas gerais daquela que considera uma das mais ousadas idéias do seu programa econômico, ainda em elaboração: a montagem de "holdings" específicas para as áreas de infra-estrutura — em associação com o capital privado —, o que lhe daria margem para estimular o reinício dos investimentos nos setores básicos, mudando, gradualmente, o perfil da dívida interna.

Na área externa, disse, acha que o melhor caminho mesmo é a retirada dos avais do Tesouro, pura e simplesmente, sinalizando o desejo de negociações individuais, em bases compatíveis com a realidade econômica de cada tomador de empréstimos no exterior.

Como não são idéias acabadas e nem representam absoluta novidade, porque Collor as vem repetindo há meses, para diferentes platéias, os empresários preferiram concentrar-se na sua eventual disponibilidade para compromissos políticos futuros.

O candidato do PRN ganhou a assistência quando disse que pretendia fazer exatamente o oposto do que seu principal adversário nas pesquisas de intenção de voto, Leonel Brizola (PDT), estaria fazendo.

Contou uma história para simbolizar as diferenças de posições. "O Brizola tentou negociar com o PTB, chegou a oferecer a vice-presidência e mais quatro ministérios ao Gastone Righi (deputado federal, líder do partido). Isso não faço, não aceito, não quero compromisso. Se eleito, vou